

ENTREVISTAS COM LINGUISTAS: ENSINO DE LINGÜÍSTICA, METODOLOGIAS ATIVAS E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO PROJETO LINGUISTICAMENTE FALANDO¹

Amanda Vitória de Oliveira Marcone²

Bruna Janine Nóbrega³

Edissa Dorita Queiroz Boechat da Silva⁴

Márcio Martins Leitão⁵

RESUMO

No projeto de extensão Linguisticamente Falando, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), financiado pela Pró-reitoria de Extensão (PROBEX), o qual é desenvolvido pelos professores Márcio Leitão e Carolina Gomes, há diversas atividades que promovem a divulgação de aspectos teóricos relacionados à Linguística. Esse projeto é estruturado e executado a partir de metodologias ativas, com ênfase na Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP), tendo como referencial teórico o livro “Guia prático de introdução às metodologias ativas de aprendizagem”, organizado por Bruna Luchesi, Ellys Lara e Mariana dos Santos (2022). Com a colaboração de estudantes de graduação, de docentes e de participantes externos, são publicados diversos materiais tanto nas redes sociais quanto no site oficial, como palestras, vídeos e textos com explicações de conceitos importantes. Perante isso, este trabalho visa a focar um dos elementos mais relevantes presentes nesse site: as entrevistas, que foram elaboradas pelos alunos participantes do projeto e realizadas com importantes nomes da área de Processamento Linguístico, de Psicolinguística, de Neurociência da Linguagem, de Linguística Cognitiva, entre outros campos de estudo, como Dr. Marcus Maia, Dra. Maria Helena Mira Mateus (Universidade de Lisboa) e Dr. Augusto Buchweitz (PUCRS). Em cada uma, é possível notar uma eminente contribuição para a divulgação científica, posto que, além de mostrar os estudos realizados por cada professor e pesquisador, leva o conhecimento a pessoas das mais variadas localidades e condições financeiras, promovendo a democratização do acesso à informação e à educação. Até o momento, são disponibilizadas 37 (trinta e sete) entrevistas no site oficial do Linguisticamente Falando, por meio das quais é possível que a população conheça as áreas de estudo e as pesquisas feitas por cada entrevistado, com informações gerais e específicas bastante acessíveis para a comunidade acadêmica e para o público externo.

Palavras-chave: Artigo completo, Normas científicas, Congresso, Realize, Boa sorte.

¹ Projeto de extensão intitulado “Linguisticamente Falando: Ações de conexão entre ensino de linguística, metodologias ativas e divulgação científica”, feito com financiamento interno.

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras Português da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, amandamarcone.lettras@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras Português da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, brunajanine.lettras@gmail.com;

⁴ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras Português da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, edqbs@academico.ufpb.br;

⁵ Professor orientador e doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e docente titular do curso de Licenciatura em Letras Português da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, profleitao@gmail.com.



INTRODUÇÃO

Na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), assim como em outras instituições, são realizados projetos de extensão, que são um dos seus pilares, assim como o ensino e a pesquisa. Nesses projetos, a comunidade acadêmica tem a oportunidade de realizar um contato mais próximo com a sociedade de forma geral, conectando os estudos feitos nos espaços educacionais com as pessoas que não estão inseridas neles. Com a realização de projetos dessa natureza, “O ensino rompe as barreiras da sala de aula e sai do ambiente fechado da Universidade, para que haja a troca de informações provenientes do ambiente primordial. Assim, o conteúdo passa a ser multi, inter e transdisciplinar” (Rodrigues *et al.*, 2013, p. 143).

Com base nisso, os estudos desenvolvidos nos espaços universitários devem agir em benefício da sociedade, contribuindo para o seu desenvolvimento. Para tanto, é preciso considerar que a comunidade que não está inserida em espaços educacionais, muitas vezes, apresenta dificuldades para ter acesso e compreender os estudos desenvolvidos em âmbito acadêmico, tendo em vista que há diversos termos técnicos e conceitos desconhecidos por esse público. Desse modo, os projetos de extensão voltados à Linguística são imprescindíveis, ao passo que tornam as pesquisas voltadas à língua mais acessíveis à população, mitigando as desigualdades no acesso à informação, explicando os principais conceitos a partir de uma linguagem mais simples⁶.

Perante tais considerações, apresentamos aqui o projeto Linguisticamente Falando (LF), desenvolvido pelos professores Márcio Leitão e Carolina Gomes, no qual são realizadas divulgações dos estudos científicos desenvolvidos na UFPB com a parceria entre docentes e discentes bolsistas e voluntários. Nas três edições do projeto realizadas até o presente momento, houve diversos trabalhos feitos e divulgados, tanto em suas redes sociais, como postagens e reels no Instagram, quanto no seu site oficial⁷. Com isso, as pesquisas realizadas nas disciplinas voltadas à linguística e em outros projetos ganham maior visibilidade, alcançando um público externo à universidade, como jovens na Educação Básica, familiares de estudantes, bem como indivíduos interessados nessa área de maneira geral.

⁶ “Linguagem simples” aqui se refere a textos que não utilizem tantos termos técnicos ou que os expliquem de maneira clara e objetiva, a fim de mais pessoas conseguirem compreendê-lo, em vez de apenas estudiosos da área.

⁷ O site do linguisticamente falando pode ser acessado por este link:
<https://www.linguisticamentefalando.com/>



Assim como indicado na página pública do projeto⁸, o seu objetivo principal é promover essa divulgação científica para a comunidade acadêmica mais engajada com os assuntos linguísticos, bem como à população leiga que se interesse em conhecer mais. A partir disso, o objetivo primordial deste trabalho é apresentar e analisar a eficácia de um dos elementos presentes no site do LF que tornaria o contato entre tal público e os linguistas mais próximo: as entrevistas. Foram realizadas entrevistas com eminentes estudiosos da língua, os quais desenvolvem trabalhos tanto no Brasil quanto em outros países, sendo publicadas nesse site, nas quais são explicados conceitos, termos técnicos e as principais áreas de estudo de cada um, como a Psicolinguística, o Processamento Linguístico, a Neurociência da Linguagem, a Linguística Cognitiva, entre outras.

METODOLOGIA

As entrevistas disponibilizadas no site foram realizadas tanto com pesquisadores brasileiros quanto de outras nacionalidades, conforme supracitado, de sorte que as feitas em outros países foram publicadas na Revista Eletrônica de Linguística dos Estudantes da Universidade do Porto – Revista elingUP, contendo as perguntas e as respostas obtidas, enquanto as realizadas no Brasil foram elaboradas por discentes participantes do projeto. Além dessas entrevistas, há uma pequena biografia sobre cada estudioso. Ao todo, há 37 entrevistas disponíveis no site oficial do LF, conforme o quadro a seguir, em que especificamos o nome do linguista entrevistado na primeira coluna; a sua respectiva área de pesquisa evidenciada na entrevista, na segunda coluna; na terceira coluna, a instituição de ensino em que desenvolve as suas atividades; a data de publicação da entrevista no site, na quarta coluna:

Nome do linguista	Área de pesquisa	Instituição
Profª. Maria do Carmo Lourenço Gomes	Psicolinguística	Universidade do Minho
Prof. Cândido Samuel de Oliveira	Psicolinguística	CEFET - MG

⁸ Disponibilizado na lista de projetos de extensão no Sigaa da UFPB:
https://sigaa.ufpb.br/sigaa/public/extensao/consulta_extensao.jsf



Prof. Ricardo Augusto de Souza	Psicolinguística	UFMG
Profa. Dra. Maria Cristina Lobo Name	Psicolinguística	UFJF
Profa. Dra. Marianne Cavalcante	Psicolinguística	UFPB
Prof. Dr. José Ferrari Neto	Psicolinguística	UFPB
Prof. Dr. Marcus Maia	Psicolinguística	UFRJ
Profa. Dra. Erica dos Santos Rodrigues	Psicolinguística	PUC-Rio
Profa. Dra. Janaina Weissheimer	Neurociência da Linguagem	UFRN
Profa. Dra. Anieli França	Neurociência da Linguagem	UFRJ
Prof. Dr. Augusto Buchweitz	Neurociência da Linguagem	PUCRS
Prof. Dr. Paulo Henrique Duque	Linguística Cognitiva	UFRN
Profa. Dra. Lilian Ferrari	Linguística Cognitiva	UFRJ
Prof. Dr. Luiz Fernando Matos Rocha	Linguística Cognitiva	UFJF
Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves	Funcionalismo	UNESP - São José do Rio Preto; CNPq
Profa. Dra. Mariângela Rios de Oliveira	Funcionalismo	UFF
Profa. Dra. Maria Angélica Furtado Cunha	Funcionalismo	UFRN/UFPB
Prof. Dr. Denilson P. de Matos	Funcionalismo	UFPB
Ricardo Joseh Lima	Sociolinguística	UERJ
Profa. Dra. Silvia Rodrigues Vieira	Sociolinguística	UFRJ
Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena	Sociolinguística	UFPB
Profa. Dra. Raquel Freitag	Sociolinguística	UFS
Profa. Dra. Juliene Pedrosa	Sociolinguística	UFPB
Prof. Dr. João Veloso	Fonética e	Universidade do



	Fonologia	Porto
Profa. Dra. Maria Helena Mira Mateus	Fonética e Fonologia	Universidade de Lisboa
Profa. Dra. Cristina Flores	Aquisição da Linguagem; Bilinguismo	Universidade do Minho
Prof. Dr. João Costa	Aquisição da Linguagem; Sintaxe; Ensino de Língua Portuguesa	Universidade Nova de Lisboa
Profa. Dra. Brenda Laca	Sintaxe; Semântica	Universidade da República do Uruguai
Profa. Dra. Violeta Demonte	Sintaxe	Universidade Autónoma de Madrid
Profa. Dra. Ana Maria Brito	Sintaxe	Universidade do Porto
Profa. Dra. Inês Duarte	Sintaxe	Univerisdade de Lisboa
Prof. Dr. Ignacio Bosque	Sintaxe	Universidad Complutense de Madrid
Profa. Dra. Gerda Haßler	Ensino de Língua Portuguesa	Universidade de Potsdam
Prof. Dr. Ivo Castro	Linguística Histórica	Univerisdade de Lisboa
Profa. Dra. Fátima Oliveira	Semântica	Univerisdade do Porto
Prof. Dr. Rodolfo Ilari	Semântica	Universidade Estadual de Campinas
Profa. Dra. Antónia Coutinho	Linguística Textual	Universidade Nova de Lisboa

Fonte: elaboração dos autores (2025)



Considerando essa grande quantidade de material disponível, para a nossa análise, selecionamos três entrevistas de maneira aleatória, de modo a analisarmos a sua estrutura, as perguntas realizadas e as respostas, tendo como foco o objetivo do projeto que seria a divulgação científica não apenas para as pessoas engajadas na área, mas também para leigos que se interessam por esses estudos. Devido à extensão das respostas obtidas em cada pergunta, não transcreveremos as entrevistas realizadas integralmente, todavia destacaremos os trechos principais, a fim de facilitar o entendimento das discussões feitas.

Esta pesquisa, a partir dessa contextualização, possui o caráter qualitativo, visto que se pauta em uma avaliação independente de números, assim como indica Almeida (2021, p. 23). Ou seja, esta pesquisa não se volta à quantidade de trabalhos feitos nesse projeto tampouco de pessoas que consomem os conteúdos veiculados no referido site, pois nosso foco está nas informações passadas nessas entrevistas, para averiguarmos o cumprimento e a eficácia da proposta do LF.

REFERENCIAL TEÓRICO

O projeto do Linguisticamente Falando, assim como expõe a descrição dos seus trabalhos desenvolvidos em seu site oficial, utiliza metodologias ativas em suas atividades, o que também é realizado nas aulas de graduação de alguns dos docentes que participam do projeto. Uma dessas metodologias, que é a utilizada no LF, é chamada de Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP), em que “os docentes incentivam os discentes na elaboração de projetos, com tarefas e desafios para solucionar determinado problema.” (Gouvêa *et al.*, 2022, p. 26). Com esse método, os alunos são incentivados a refletirem mais sobre os aspectos linguísticos, visando mitigar os problemas que tenham identificado ao longo das atividades desenvolvidas.

Esse tipo de trabalho já promoveu diversas pesquisas interessantes para a UFPB, o que, inclusive, deu origem ao projeto Linguisticamente Falando, a partir das atividades desenvolvidas durante a disciplina de Teorias Linguísticas II, na UFPB. Já dentro do LF, as entrevistas com linguistas também surgem como um trabalho desenvolvido a partir da ABP, ao passo que foi identificada a ínfima conexão entre as pesquisas linguísticas desenvolvidas e o público em geral, seja este composto por estudantes da graduação ou não. Desse modo, houve a proposta de realização e



divulgação de entrevistas feitas por graduandos, com o fito de torná-las acessíveis às pessoas a partir de instrumentos tecnológicos.

Além dessa metodologia, considerando o intuito do LF de tornar o conhecimento científico acessível a todos, faz-se necessário também pensar como essas informações serão recebidas pelo público, isto é, se os conceitos e termos utilizados estão devidamente explicados para que haja a compreensão, de fato, do estudo realizado pelos pesquisadores. Segundo Cavalcanti e Gonçalves (2024, p. 1), “Ao reduzir o uso de termos difíceis, a linguagem simples garante a acessibilidade e o entendimento de informações por um público diverso, promovendo uma comunicação mais clara, inclusiva e eficiente”, todavia, considerando contextos em que termos mais complexos não possam ser “facilitados”, é imprescindível haver a sua devida explicação, também usando uma linguagem simples, para que todos consigam entender.

Assim como indicado por Silva, Neubert e Dias (2025, p. 3), a produção científica, ao passo que, em sua maioria, demanda recursos públicos, deve ser disponibilizada à população com garantia de acessibilidade. Nesse estudo, os autores evidenciam a acessibilidade à web, que é necessária por haver grande disponibilização de materiais por esse meio virtual, considerando o seu grande alcance independentemente de fronteiras físicas, contudo evidenciamos aqui também outros tipos de acessibilidade a essas produções científicas, como a linguagem, conforme supracitado, uma vez que precisamos pensar nos diversos perfis do público que terá acesso a tais informações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na entrevista realizada com a Profa. Dra. Maria Helena Mira Mateus, há perguntas iniciais voltadas à vida pessoal da pesquisadora e ao início de sua carreira, após isso são iniciadas perguntas mais direcionadas ao seu objeto de pesquisa, como esta:



Violeta: Nós tínhamos perguntas mais específicas, mais dentro da área da fonologia. A primeira delas era a propósito da reformulação de pontos de vista que a Professora possa ter tido inicialmente. Por exemplo, quando a Senhora Professora se refere à representação teórica das vogais semiabertas e semifechadas em português, em alguns trabalhos a Senhora Professora defende que essa representação é pós-lexical e noutros já defende que é lexical. Gostaríamos de saber que dados é que levaram a essa oscilação e, neste momento, qual é a posição que defende.

Maria Helena Mateus: A oscilação entre a aplicação da regra de Harmonização Vocálica sobre a vogal do radical parece resultar da classificação gramatical da palavra – nome ou verbo – que terá de ser especificada na representação subjacente da palavra.

A hipótese que proponho pode resumir-se da seguinte forma: na fonologia portuguesa existe uma relação morfofonológica entre as vogais baixas (ou abertas), médias (ou semiabertas) e altas (ou fechadas) do radical verbal e a vogal temática das conjugações em -e-, em -i- e em -a-. A teoria autosegmental em que eu trabalhava quando investiguei pela primeira vez esta particularidade do português permite tratar, autonomamente, os segmentos da representação lexical e os respetivos traços que também podem ser autónomos.

Fonte: Site do Linguisticamente Falando

Ao analisarmos primeiramente a pergunta realizada, percebemos que surgem alguns termos mais técnicos, como “vogais semiabertas e semifechadas”, “representação pós-lexical”; já na resposta, surgem termos como “Harmonização Vocálica”, “representação subjacente da palavra”, “vogais baixas (ou abertas), médias (ou semiabertas) e altas (ou fechadas)”. Embora pessoas mais engajadas com assuntos linguísticos não apresentem tanta dificuldade para compreensão desses termos, é preciso pensarmos nos leitores mais leigos que o LF pretende alcançar, os quais provavelmente terão mais dificuldade para compreender.

Diferentemente dessa entrevista, a realizada com o Prof. Dr. Augusto Buchweitz, mostra mais explicações por parte do entrevistado, todavia as perguntas também apresentam termos técnicos sem explicação:



3) Qual a função das medidas neurofisiológicas, eletromagnéticas e eletrodinâmicas no âmbito da ciência da linguagem? Você poderia nos explicar, um pouco, sobre o funcionamento de cada uma?

A neurociência da linguagem começou com estudos de pacientes e do cérebro após a morte, como o paciente Leborgne, cuja sífilis afetou suas capacidades articulatórias. Paul Broca, após a morte de Leborgne, identificou uma lesão em uma região frontal do cérebro e assim o fez em diversos pacientes. Broca dá o nome à região de Broca, grosseiramente o equivalente a partes do giro frontal inferior esquerdo do cérebro, e que sabemos envolve-se em articulação da linguagem oral, bem como em processamento sintático. Wernicke, da mesma forma, estudou as dificuldades de compreensão associadas com lesão do giro temporal superior esquerdo; e antes mesmo dos métodos de imagem atuais, Wernicke postulava que esta região centralizava o input da compreensão da linguagem escrita e oral e, por meio do fascículo arqueado (o feixe de fibras que conecta as regiões da linguagem), distribuiria a informação para o resto do cérebro. Wernicke postulou este funcionamento do cérebro da linguagem antes de ter acesso a técnicas avançadas de imagem; e acertou o princípio.

A neurociência da linguagem evoluiu dos estudos de lesões, que ainda são feitos, para o estudo do cérebro *in vivo*, do cérebro sem lesões, com desenvolvimento típico ou atípico, com transtornos de aprendizagem ou do neurodesenvolvimento, e assim por diante. Nesse sentido, as técnicas de investigação não-invasivas, como potenciais evocados (que medem respostas eletrofisiológicas) e **hemodinâmicas** (que medem aumento de oxigenação) possibilitaram o

Fonte: Site do Linguisticamente Falando

Em uma das perguntas feitas a ele, inclusive, não há a explicação do que seria uma “afasia”, termo que é falado na pergunta e repetidas vezes na resposta:

5) Como se dá o processamento da linguagem em um paciente diagnosticado com afasia? Como acontece o tratamento? Existe uma cura?

Esta não é minha área de pesquisa, portanto não posso formular uma resposta sobre tratamento; cura, lembremos, seria para doenças. Mas a afasia pode ser tão variada como as lesões que a ocasionam. Lembremos que lesões tem diferentes origens e não se calham de ficarem perfeitamente restritas a uma região. De qualquer maneira, de modo geral, existem afasias cujas lesões podem afetar mais o sistema articulatório ou de compreensão dependendo de seu tamanho e gravidade.

Fonte: Site do Linguisticamente Falando

Já na entrevista feita com a Profa. Dra. Raquel Freitag, há uma forte preocupação, tanto nas perguntas quanto nas respostas, que os leitores mais leigos consigam entender, ao pedir que a resposta dada seja elaborada de modo que o público não-acadêmico consiga compreender, embora isso não seja observado em todas as entrevistas:



2. O que cabe a Sociolinguística Variacionista apurar em suas pesquisas? Poderia dar uma explicação breve sobre a Sociolinguística que seja compreensiva para pessoas que não são do ambiente acadêmico linguístico?

Em termos bem simples, a sociolinguística busca identificar os motivos que levam as pessoas a julgarem o que é falar normal e o que é falar diferente, e por que o normal para um é diferente para o outro, e vice-versa.

Para fazer isso, podemos descrever o uso linguístico de cada grupo de “normais” e sistematizar a sua gramática. Também podemos pedir para as pessoas dizerem o que elas acham que é normal e o que elas acham diferente.

Com os resultados, podemos ver o que é comum aos diferentes normais e o que é diferente. A partir disso, muitas coisas podem ser feitas, desde programas de educação em língua materna sensíveis a esses diferentes normais até ações comerciais para que as pessoas se sintam envolvidas com produtos, usando traços linguísticos para gerar proximidade.

Fonte: Site do Linguisticamente Falando

Considerando esses materiais analisados, notamos que as entrevistas, de fato, são uma excelente ferramenta para a divulgação científica quanto à linguística, tornando a compreensão das áreas de cada pesquisador possível a um público diverso, não apenas a estudiosos da Linguística. Em contrapartida, observamos a existência de alguns pontos a serem ajustados nessa divulgação, a exemplo da linguagem utilizada, visto que se torna um obstáculo para a efetivação do principal objetivo do LF, que seria ser acessível a todas as pessoas, o que precisa, conforme indicam Cavalcanti e Gonçalves (2024, p. 1), ter uma linguagem também acessível. Esse impecilho poderia ser mitigado a partir de notas de rodapé ou de cards explicativos, elaborados pelos discentes engajados no projeto ou pelos próprios docentes, com explicações mais detalhadas sobre os conceitos apresentados, evitando, assim, que os leitores mais leigos não conseguissem compreender o texto pela falta de conhecimento específico sobre determinados termos mais técnicos.

Ademais, as entrevistas realizadas com estudiosos de outros países que não saibam falar português foram divulgadas em seu idioma oficial, não havendo tradução para o português nem para outras línguas, considerando a possibilidade de tornar tais materiais acessíveis também a falantes nativos de outros idiomas. Esse empecilho é acentuado pela indisponibilidade de tradução automática pelos navegadores em que é possível abrir o site do LF, o que, embora não impossibilite completamente o acesso a tais entrevistas, considerando ser possível utilizar outras ferramentas de tradução,



dificulta o acesso de pessoas menos experientes com os instrumentos tecnológicos, que se veem barradas pela falta de compreensão de outras línguas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões apresentadas neste trabalho, constatamos que o projeto Linguisticamente Falando é, de fato, um excelente instrumento de divulgação científica, ao passo que faz os estudos acadêmicos ganharem maior visibilidade a partir da exposição que faz sobretudo em seu site. Diante disso, mostram-se relevantes os apontamentos feitos ao analisarmos as entrevistas, uma vez que servirá para o aprimoramento desses instrumentos, com o fito de ser acessível, de fato, a uma maior quantidade de pessoas, estejam essas engajadas ou não em ambientes acadêmicos.

O LF, ao longo das suas edições, conseguiu impactar significativamente a divulgação científica dos estudos linguísticos, com o engajamento de vários docentes e discentes em sua organização, contando com uma massiva quantidade de alunos voluntários que perceberam nesse projeto a oportunidade de contribuir, de forma direta e efetiva, com a população. Com isso, as entrevistas realizadas com eminentes profissionais da área são uma excelente forma de aproximar as pessoas ao fazer científico, o que pode ser ainda mais eficaz e otimizado a partir dos ajustes indicados, como breves explicações em conceitos menos conhecidos por indivíduos que não sejam da área e traduções das entrevistas realizadas em outros idiomas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, I. D. Metodologia do Trabalho Científico. [recurso eletrônico]. Recife: **Ed. UFPE**, 2021. Disponível em: <https://editora.ufpe.br/books/catalog/book/674>. Acesso em: 26 out. 2025.

CAVALCANTI, M. E. A.; GONÇALVES, J. S. S. Adoção da linguagem simples em diferentes contextos sociais brasileiros. **XXVI ENPÓS**. UFPEL, 2024. Disponível em: https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2024/LA_02366.pdf. Acesso em: 26 out. 2025.

ENTREVISTAS. **Linguisticamente Falando**, 2025. Disponível em: <https://www.linguisticamentefalando.com/entrevistas-1>. Acesso em: 20 out. 2025.



GOUVÊA, A. R.; DIAS, A. F. F.; CABRELLI, D. W. M. Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP). *In*: LUCHESI, B. M.; LARA, E. M. O.; SANTOS, M. A. Guia prático de introdução às metodologias ativas de aprendizagem. [recurso eletrônico]. Campo Grande: **Ed. UFMS**, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/>. Acesso em: 10 set. 2025.

RODRIGUES, A. L. L.; PRATA, M. S.; PASSOS NETO, I. F. Contribuições da extensão universitária na sociedade. Aracaju: **Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais**, v. 1, n. 16, p. 141-148, 2013. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/494>. Acesso em: 26 out. 2025.

SILVA, L. S.; NEUBERT, P. S.; DIAS, T. M. R. Acessibilidade em Periódicos Científicos: abordagens, tecnologias e aplicações. Campinas, SP: **RDBCI**, v. 23, 2025. Disponível em: scielo.br/j/rdbci/a/HsZbVZ33s8DGpqzBctdcJcN/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 27 out. 2025.

